



[REES_008] AÇÕES EXTENSIONISTAS VOLTADAS PARA A HUMANIZAÇÃO DO PARTO: RELATO DE EXPERIÊNCIA

Lara Souza Lima Lins, Rebecca Cristina Lazarino Lorenzon, Solange Rodrigues da Costa

1 INTRODUÇÃO

A necessidade de mudança do modelo vigente de assistência ao nascimento tem sido discutida há décadas no Brasil e no mundo. Em 1996, a Organização Mundial de Saúde (OMS) elaborou um guia de atenção ao parto normal, com base em evidências científicas mundiais, orientando sobre as práticas que devem ser adotadas e as que devem ser abolidas (DA SILVA et al., 2016).

Seguindo essas recomendações, o Ministério da Saúde implementa políticas públicas que incentivam o parto natural, a presença do acompanhante, a adaptação ao ambiente hospitalar e o apoio contínuo à parturiente durante todo o momento do parto, na perspectiva de que múltiplos agentes assegurem o cuidado integral à gestante, acompanhante e ao recém-nascido (CARVALHO; GÖTTEMS; PIRES, 2015).

Leal et al. (2014, p. 18) reafirma que há evidências científicas de que as boas práticas na assistência à gestação e ao parto são comprovadamente promotoras de melhores resultados obstétricos e são efetivas para a redução de desfechos perinatais negativos. Apesar disso, o que se observa em muitos hospitais brasileiros, é o alto índice de intervenções desnecessárias realizadas pela equipe de saúde à parturientes. Tais ações contribuem fortemente para o desfecho desfavorável do processo de parturição e consequentemente elevam as taxas de morbimortalidade materno-infantil.

A maternidade vinculada ao Hospital de Ensino da Escola Superior de Ciências da Santa de Misericórdia de Vitória (EMESCAM), não fica distante da realidade brasileira no que diz respeito à assistência ao parto. Numa tentativa de contribuir para melhorar a qualidade desse atendimento, o curso de enfermagem, por meio das professoras da disciplina Enfermagem em Saúde da Mulher e de acadêmicos de enfermagem que atuam no Projeto de Extensão intitulado: “Projeto de Humanização da Maternidade -

PROHUMA” realizam assistência direta à parturiente e acompanhante durante o trabalho de parto.

Os projetos de extensão universitária têm a finalidade de articular o conhecimento acadêmico com as situações reais e cotidianas, ou seja, promover a aproximação entre os saberes científicos e os saberes oriundos da vivência prática. Dessa forma, proporciona interação entre a Instituição de Ensino Superior (IES) e a comunidade na qual está inserida. Como parte do processo educacional, contribui não somente para aprofundar o aprendizado do estudante, mas também para a formação cidadã (FONSECA-MACHADO et al., 2014).

A participação em projetos de extensão reveste-se de importância porque além promover benefícios diretos para a sociedade, proporciona aos alunos o aperfeiçoamento de práticas profissionais, aprofundamento e consolidação do conhecimento científico e aproximação com a pesquisa científica. Nesse sentido, a IES tem o papel de fomentar o tripé ensino/pesquisa/extensão por meio de uma prática onde as três esferas possam dialogar entre si e assumir igual importância no processo de formação do estudante (NASCIMENTO, 2012).

Mediante ao exposto, observa-se que é de extrema importância o desenvolvimento de pesquisas vinculadas às atividades de extensão universitária. O estudo torna-se relevante, porque, propiciará a articulação ensino-pesquisa-extensão na área maternoinfantil.



Optou-se por pesquisar sobre a assistência ao processo de parturição, para tanto, delineou-se como objeto de estudo, o relato de experiências vivenciadas por um grupo de acadêmicos de enfermagem participantes do Projeto de Humanização da Maternidade (PROHUMA) por meio de ações extensionistas voltadas para a humanização do parto.

2 OBJETIVOS

2.1 OBJETIVO GERAL

Relatar as experiências vivenciadas por acadêmicos de enfermagem participantes de um projeto de extensão em uma maternidade filantrópica de Vitória/ES.

2.2. OBJETIVO ESPECÍFICO

Identificar as principais práticas realizadas pelos acadêmicos de enfermagem na assistência ao parto.

3 MÉTODO

Trata-se de estudo descritivo, de abordagem qualitativa, do tipo relato de experiência de um projeto de extensão desenvolvido por docentes e acadêmicos do curso de graduação em Enfermagem da Escola Superior de Ciências da Santa Casa de Misericórdia de Vitória (EMESCAM) e profissionais da Maternidade PROMATRE, no município de Vitória, Espírito Santo, Brasil.

Segundo Gherardt e Silveira (2009), a abordagem qualitativa não se preocupa com a representação numérica e sim com a compreensão de um grupo social, tende a não quantificar valores, pois seu objetivo é a compreensão e explicação das relações, trabalhando com significados.

Os estudos transversais são aqueles em que os dados são coletados com um ou mais grupos de sujeitos em um momento particular do tempo. Geralmente o pesquisador investiga um fenômeno escolhendo um momento específico para essa avaliação (2006).

A experiência é um encontro ou uma relação com algo que se experimenta que se prova. É algo que nos acontece, nos toca, nos faz pensar, sofrer e apaixonar. Uma paixão que se refere à responsabilidade em relação ao outro, que nos forma e nos transforma (LARROSA, 2015).

Em busca dessa transformação optou-se por experimentar a convivência com a equipe multiprofissional da PROMATRE, que conta com médicos e residentes, equipe de enfermagem, assistente social, acadêmicos dos cursos de medicina, enfermagem, serviço social e fisioterapia, dentre outros.

Trata-se de uma instituição composta por doze enfermarias com quatro a seis leitos cada, totalizando sessenta e sete leitos que atendem ao SUS e catorze apartamentos que atendem convênios/particular, totalizando oitenta e um leitos de alojamento conjunto. Possui ainda quatro salas de admissão/acolhimento, um centro obstétrico com cinco leitos para trabalho de parto normal, uma enfermaria para atendimento clínico com dois leitos, duas salas de parto normal, um centro cirúrgico com quatro salas para parto cesáreo, uma Unidade Terapia Intensiva Neonatal (UTIN) com oito leitos, uma Unidade Semi-Intensiva também com oito leitos, dentre outros setores.



Essa instituição funciona vinte e quatro horas diárias, sendo o atendimento feito por meio de demanda espontânea, realizando em média quinhentos procedimentos mensais, sendo eles em torno de quatrocentos partos e cem atendimentos clínicos. Um total de aproximadamente duzentos profissionais de saúde atuam de forma contínua, nos serviços noturno e diurno.

O projeto de extensão intitulado “Projeto de Humanização da Maternidade - PROHUMA” foi registrado no setor de Extensão da EMESCAM em 2008, funcionando no período de 2008 - 2010, sendo registrado novamente em outubro de 2016, estando em funcionamento desde então. As ações extensionistas envolvem assistência direta à mulher e acompanhante com o objetivo de apoiar as parturientes, puérperas e familiares para que todos vivenciem o processo de parturição de forma positiva, tanto por meio de parto normal, como pela cesariana.

Os acadêmicos de enfermagem promovem acolhimento as pacientes e seus familiares, fornecendo orientações, esclarecendo dúvidas, estimulando a utilização de métodos não farmacológicos para o alívio da dor, e, principalmente colocando-se disponíveis para auxiliá-los em suas necessidades, durante o trabalho de parto. Vale ressaltar também, que eles apoiam o casal durante o aleitamento materno e o contato pele a pele entre a mãe e o bebê após o parto.



Figura 1: Atividades extensionistas: apoio durante o trabalho de parto. Fonte: da própria pesquisa.

O PROHUMA funciona de segunda a sexta (de 13 às 19h e de 19 às 7h) e nos finais de semana (de 7 às 19h e de 19 às 7h). Os acadêmicos atuam em duplas em cada plantão, seguindo uma escala, feita na reunião mensal. Dentre os assuntos abordados na reunião mensal, o principal é a apresentação dos relatos de caso/experiência dos estudantes.

Esse projeto conta com uma seleção semestral por meio de avaliação escrita objetiva, sendo que, uma vez selecionado, o aluno pode permanecer pelo tempo que quiser. Após essa etapa, os estudantes recebem capacitação de vinte horas sobre humanização do parto e aleitamento materno. Durante esse processo há também um alinhamento entre eles com o objetivo de fornecer subsídios para que possa haver uma relação de confiança entre os acadêmicos e os profissionais de saúde e entre eles e as pacientes.

São realizadas discussões que objetivam incentivá-los a terem sensibilidade para ouvir as pessoas e flexibilidade para se adaptar a situações inesperadas, tendo em vista que no ambiente hospitalar a complexidade dos acontecimentos faz parte do cotidiano dos que ali atuam.

Durante o desenvolvimento do projeto os alunos realizam reflexão diária sobre pelo menos um dos atendimentos realizados e posteriormente compartilham tal experiência com os demais participantes no momento da reunião mensal. Utiliza-se um formulário próprio (APÊNDICE B) para registrarem essa análise reflexiva, bem como para documentarem suas observações, produzindo, dessa forma, dados que podem ser utilizados para fins de pesquisa.

Por questões éticas foi solicitada autorização (APÊNDICE A) para a realização desse relato de experiência ao responsável técnico pela instituição e autorização das famílias para o uso de imagens (APÊNDICE C) produzidas pelos estudantes participantes do projeto. Assegura-se o anonimato dos sujeitos desse estudo e todos os instrumentos de pesquisa (formulários) são guardados sob responsabilidade das coordenadoras do projeto por um período de cinco anos.

Os alunos que produziram os relatos de caso que compõem esse estudo foram identificados pelo codinome Prohuma, tal conduta visa, não somente garantir o sigilo em relação aos estudantes, mas também fortalecer a representatividade da importância do trabalho em equipe, uma vez que PROHUMA, não significa somente os alunos, mas também os profissionais de saúde que serviram de suporte para eles, bem como as professoras responsáveis pelo projeto.



4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1 AÇÕES EXTENSIONISTAS: PROMOVENDO A SAÚDE DA MULHER E DA FAMÍLIA



Figura 2: Atividades extensionistas: apoio durante o trabalho de parto. Fonte: da própria pesquisa.

As atividades extensionistas são desenvolvidas por vinte e oito acadêmicos e duas docentes do Curso de Enfermagem, junto à equipe de saúde da maternidade. O público-alvo dessas atividades é formado por parturientes, seus acompanhantes, bem como os recém-nascidos. As ações são direcionadas principalmente para as puérperas, sendo atendidas cerca de seis mulheres por dia e cento e oitenta por



mês. Para compor este estudo, foram selecionados os relatos que sete duplas vivenciaram no mês de abril de 2017.

A rotina de trabalho dos estudantes participantes do PROHUMA inicia com a chegada deles no centro obstétrico, onde conhecem as pacientes internadas por meio de conversa com os colegas do plantão anterior bem como a equipe profissional que ali atua. Eles ainda realizam de forma rápida uma análise nos prontuários das pacientes com a finalidade de conhecerem um pouco da história clínica e também a evolução do trabalho de parto. Em seguida, realizam abordagem direta à parturiente e acompanhante, conforme o relato abaixo:

*“Encontramos a paciente deitada na cama, nos apresentamos e falamos sobre os **métodos não farmacológicos** para o alívio da dor. (...) Ela aceitou usar a **bola de parto** e depois quis o **banho morno**, onde ficou por cerca de trinta minutos. O **marido** saiu e a **sogra** entrou e foi também orientada. Ela estava mais calma que ele e percebemos que isso facilitou o processo. Ela fez **massagens** na paciente” (Prohuma 1)*

RECURSOS NÃO FARMACOLÓGICOS PARA ALÍVIO DA DOR DURANTE O TRABALHO DE PARTO



Figura 3: Atividades extensionistas: apoio durante o trabalho de parto. Fonte: da própria pesquisa.

Por meio da vivência dos estudantes nesse projeto de extensão foi possível perceber a importância dos métodos não farmacológicos não somente para o alívio da dor, mas também para a evolução do trabalho de parto. Na abordagem às famílias constatou-se que quando orientados sobre esses métodos, a maioria delas aderiu muito rapidamente a eles, aceitando-os e reconhecendo seus benefícios.

Num processo natural como o parto, devem ser ofertados cuidados que visem ao equilíbrio de fatores do ambiente, a fim de conservar a energia da mulher para que além de enfrentar a dor, ela consiga vivenciar o trabalho de parto como um momento agradável. Sendo assim, as intervenções não farmacológicas são alternativas no intuito de substituição, dentro do possível, da anestesia e analgesia durante o trabalho de parto e parto (OSÓRIO; SILVA JÚNIOR; NICOLAU, 2014).



Para Oliveira e Silva et al., (2013) os métodos não farmacológicos são procedimentos que podem diminuir a percepção dolorosa no alívio da dor de parto e além de serem procedimentos não invasivos, são alternativas que promovem a desmedicalização.

Esses métodos são de grande relevância para a saúde materna e neonatal por contribuírem para a promoção do nascimento seguro e satisfatório. Almeida; Acosta; Pinhal (2015) afirmam que as mulheres que experimentam essa tecnologia de cuidado referem alívio da dor do parto. Indo ao encontro desses autores Osório; Silva Júnior; Nicolau (2014) complementam que na verdade não ocorre ausência da dor, mas uma melhor capacidade de enfrentar e tolerar a dor, além da diminuição dos níveis de ansiedade e estresse.

De acordo com Costa; Sant'ana; Brito (2017, p. 93-94), a utilização das medidas não farmacológicas associada a outras terapias complementares envolvendo o ambiente físico e a questão psicológica da mulher garantem um parto normal menos desconfortável e faz com que a mulher se torne sujeito ativo neste processo.

Existe uma grande variedade de métodos não farmacológicos. Dentre eles destaca-se o suporte contínuo, o banho de chuveiro ou de imersão, as massagens na região lombar, os exercícios de respiração e de relaxamento muscular (MEDEIROS, 2015).

Estão também entre os principais métodos, a liberdade de movimentação materna, a utilização da bola suíça (bobat ou bola de parto), o banho de aspersão e os diversos tipos de massagens, sendo este último tipo, preferencialmente realizada pelo acompanhante de escolha da mulher, tendo destaque a realização pelo marido, proporcionando assim, mais aproximação e sintonia entre o casal (PEDROSO, 2013).



Os estudantes participantes do PROHUMA relatam que os principais métodos utilizados por eles junto às parturientes são: o auxílio ao acompanhante e estímulo à permanência do mesmo, a utilização da bola suíça, o banho de aspersão com água morna, a mudança de posição, tendo destaque para a deambulação e a adoção da posição de cócoras ou verticalizada durante o trabalho de parto, o uso do cavalinho, as massagens e o apoio emocional.



(MEDEIROS, 2015)

A UTILIZAÇÃO DA BOLA SUÍÇA, BOLA DE BOBAT OU BOLA DE PARTO



Figura 4: Atividades extensionistas: apoio durante o trabalho de parto. Fonte: da própria pesquisa.

A bola suíça é um método de alívio da dor do parto também muito utilizado durante o trabalho de parto. A parturiente pode sentar-se na bola e balançar de um lado para o outro, ou ajoelhar-se e inclinar-se para frente repousando sobre a bola para ajudar na descida do feto (NETTINA, 2014).

A bola suíça é uma das estratégias para a promoção da livre movimentação da mulher durante o parto, auxiliando a apresentação fetal, o relaxamento, o exercício perineal e o alívio da dor. Contribui diretamente para uma melhor progressão do trabalho de parto (OLIVEIRA; CRUZ, 2014).

A utilização da bola suíça é realizada como uma estratégia para descentralizar o peso abdominal para a bola, no momento em que a parturiente senta, como proposta de alívio e ao mesmo tempo como meio para acelerar o encaixe do feto.

A adesão por esse método contribui para que o acompanhante possa auxiliar no equilíbrio segurando suas mãos no período de movimentação em cima da bola (NETTINA, 2014).

Essa estratégia não medicamentosa tem sido inclusive utilizada por fisioterapeutas no processo inicial do trabalho de parto para auxiliar nos movimentos respiratórios, diminuir a tensão do estágio inicial e promover o incentivo da posição verticalizada. É um método de baixo custo financeiro, fácil manuseio e que tem a capacidade de distrair a gestante tornando o trabalho de parto mais tranquilo, trazendo não só benefícios físicos, mas também psicológicos (OLIVEIRA; CRUZ, 2014).

A PRESENÇA DO ACOMPANHANTE DE ESCOLHA DA MULHER DURANTE O TRABALHO DE PARTO



Figura 5: Atividades extensionistas: apoio durante o trabalho de parto. Fonte: da própria pesquisa.

No período do trabalho de parto, parto e pós-parto imediato é essencial a presença de um acompanhante que tenha afinidade com a parturiente e seja de sua confiança, esse direito é assegurado pela Lei nº 11.108 (BRASIL, 2005).

A presença do acompanhante no processo de parturição, proporciona a mulher sentimentos que afastam o medo, a solidão e a ansiedade, contribuindo dessa forma para a melhor progressão do parto (SANTOS et al., 2012). O acompanhante sendo ele familiar ou não durante o trabalho de parto reduz consideravelmente o sofrimento da parturiente.

Apesar das inúmeras evidências científicas sobre os benefícios da presença do acompanhante para a evolução do trabalho de parto e do direito adquirido legalmente por meio da Lei nº 11.108 promulgada em 2005, ainda existem muitos desafios para a implementação dessa Lei nas instituições de saúde brasileiras. Destaca-se nesse processo a falta de estrutura física nas maternidades, a conduta dos profissionais de saúde e o desconhecimento das gestantes e seus acompanhantes sobre a referida lei.

A instituição objeto desse estudo não atende completamente a essa Lei, pois só permite que a paciente tenha acompanhante do sexo feminino. Defende-se que os profissionais de saúde que atuam em maternidades devem utilizar as evidências científicas e cumprir a Lei que garante a mulher escolher seu acompanhante para incentivar a inserção do acompanhante no pré parto, parto e puerpério, bem como estimular à sensibilização da equipe de saúde e gestores públicos para a importância do acompanhante dentro dos centros obstétricos, favorecendo a mudança da realidade no que diz respeito ao parto humanizado (SANTOS; LIMA; MENEZES, 2017).

REALIZAÇÃO DE MASSAGENS NAS PARTURIENTES



Figura 6: Atividades extensionistas: apoio durante o trabalho de parto. Fonte: da própria pesquisa.

A massagem é uma maneira de estimulação sensitiva caracterizada pelo toque e manipulação da superfície corpórea com o objetivo de promover o relaxamento muscular. Quando realizada no decorrer no trabalho de parto promove contato físico com a paciente, gerando alívio da dor, reduzindo o estresse e melhorando o fluxo sanguíneo e oxigenação materno-fetal (UFRJ, 2014).

A massagem na região lombossacral é um dos métodos de apoio não farmacológico mais utilizados na atuação dos acadêmicos do PROHUMA. Frequentemente, os estudantes buscam incluir o acompanhante nessa prática, visto que o vínculo entre este e a parturiente torna-se maior. Estudos demonstram que a terapêutica da massagem é eficaz quando associada a outros métodos não



farmacológicos de alívio da dor por promover atenuação das tensões, reduzindo o desconforto e estresse gerado pelo processo de parturição (OLIVEIRA E SILVA, 2013).

Ainda no contexto de ações que promoveram a saúde da mulher e da família, tem-se o seguinte relato:

*“Encontramos a paciente na cama em um box do pré parto. Nos apresentamos para ela e convidamos para utilizar o cavalinho. Um tempo depois sugerimos o **banho morno** demorado, sugerimos também que ficasse de **cócoras** durante o banho” (Prohuma 2)*

REALIZAÇÃO DO BANHO DE ASPERSÃO COM ÁGUA MORMA



Figura 7: Atividades extensionistas: apoio durante o trabalho de parto. Fonte: da própria pesquisa.

Durante o trabalho de parto é normal que a paciente se sinta desconfortável em relação a sua higiene. A progressão do trabalho de parto demanda um tempo

suficiente para que a puérpera se canse, transpire e até mesmo evacue. Além disso, a passagem do feto pelo canal do parto favorece a compressão da porção distal do intestino grosso, promovendo dessa forma, eliminação de conteúdo fecal.

Visando o conforto e bem-estar dessa parturiente, o acadêmico do PROHUMA orienta e auxilia a realização do banho de aspersão, para todas as parturientes, estimulando-as a tomar o banho quantas vezes sentirem necessidade. Essa prática é muito bem aceita pelas mulheres, sendo que ao se levantarem para o banho praticam também a deambulação.

A água morna promove liberação da tensão muscular, conferindo sensação de bem-estar. Este relaxamento causa a vasodilatação, contribuindo para a reversão da resposta simpática e redução de catecolaminas (OLIVEIRA E SILVA, 2013).

Para aumentar os efeitos positivos da água morna, os acadêmicos auxiliam as pacientes no banho demorado de cócoras com o apoio do banco de parto ou de uma cadeira. Tem-se observado além de conforto e relaxamento muscular, melhora na progressão da descida do feto.

O uso do banho quente e exercícios perineais com bola suíça modificam a progressão do trabalho de parto. A combinação destas intervenções demonstra relevância clínica ao processo da parturição. É recomendável a combinação de métodos não farmacológicos, uma associação importante é banho quente associado ao exercício com bola suíça durante o trabalho de parto, pois se mostra efetiva para modificações no progresso da parturição, menor tempo do trabalho de parto e maior ocorrência do parto normal (HENRIQUE et al., 2016).

A POSIÇÃO DE CÓCORAS OU VERTICALIZADA DURANTE O TRABALHO DE PARTO



A adoção da posição de cócoras ou verticalizada pelas parturientes tem sido fortemente estimulada pelos acadêmicos do PROHUMA em seu cotidiano de prática na extensão. No início da abordagem à parturiente é comum a não aceitação por algumas delas. Porém, após o primeiro contato com o acadêmico, ao receber informações sobre os benefícios dessa atitude, a maioria adere à realização dos exercícios, o que evidencia a importância da educação em saúde.

A posição verticalizada, além de favorecer a expulsão fetal pela ação da gravidade, causa menos fadiga materna se comparada à posição de litotomia. Também auxilia no controle da respiração, melhorando a oxigenação materna e fetal, descomprimindo os grandes vasos. Amplia também o canal de parto favorecendo o parto vaginal (APOLINÁRIO et al., 2016).

Outro método muito utilizado pelos acadêmicos do PROHUMA é cavalinho, um equipamento que visa o relaxamento, o aumento da dilatação e a diminuição da dor por meio do balanço pélvico. É semelhante a uma cadeira com assento invertido, onde a gestante apoia o tórax e os braços jogando o peso para frente e aliviando as costas. Durante as contrações, a parturiente também pode ficar nessa posição para receber massagem na lombar, com a finalidade de relaxar e aliviar a dor do trabalho de parto (UFRJ, 2014).

4.2 AÇÕES EXTENSIONISTAS: ARTICULANDO O CONHECIMENTO CIENTÍFICO COM AS SITUAÇÕES REAIS E COTIDIANAS



Figura 8: Atividades extensionistas: apoio durante o trabalho de parto. Fonte: da própria pesquisa.

As repercussões das ações dos acadêmicos de enfermagem para as parturientes são vistas por eles como benéficas e de grande importância para a mulher, o acompanhante e recém-nascido durante o trabalho de parto. Proporciona para os alunos a oportunidade de associar o conhecimento teórico/prático obtido durante a disciplina Enfermagem em Saúde da Mulher e nas buscas na literatura científica sobre o tema, com a vivência prática ampliada e aprofundada de acompanhamento de trabalhos de partos, como mostra a fala abaixo:

*“A paciente disse que foi melhor que o parto anterior. Nós perguntamos se foi ruim e ela disse que não, foi doído. Observamos que nossas intervenções são muito importantes, pois elas reduzem o tempo do trabalho de parto. Colocamos a paciente para se movimentar e isso fez a diferença, porém, no nosso entendimento o **apoio emocional** foi fundamental nesse processo” (Prohuma 3)*



Figura 9: Atividades extensionistas: apoio durante o trabalho de parto. Fonte: da própria pesquisa.

O acolhimento realizado pelos acadêmicos, especialmente para as parturientes desacompanhadas é primordial para garantir segurança e autoconfiança durante o processo de parturição. Sem dúvida, o apoio emocional é uma das ações que mais contribuem para a satisfação dessas mulheres com o parto e com a humanização do nascimento.

O apoio emocional fornecido por quem assiste a parturiente não deve ser isolado nem terceirizado e sim somado aos cuidados da equipe de saúde para que a assistência humanizada de forma integral seja cada vez mais possível e efetiva. Os acadêmicos têm como atribuição assistir de maneira holística e prestar a assistência necessária para que a parturiente tenha autoconfiança no seu processo

de parir sem intervenções desnecessárias. Após criar esse laço de confiança, o parto ganha outra perspectiva aos olhos da parturiente, se torna um ato de amor, força e coragem, e não apenas um nascimento (DA SILVA et al., 2016).

O olhar acolhedor e individual de cada profissional de saúde que assiste o parto é imprescindível, pois no dia a dia, muitas vezes, a parturiente é vista como mais uma a dar à luz, mas para cada mulher o evento é único e de extrema sensibilidade, podendo marcá-la por toda a vida (VELHO et al., 2012).

Dessa forma, torna-se essencial a companhia contínua de uma pessoa ao lado da mulher, durante o trabalho de parto, por ser uma forma de suporte emocional, que reduz a solidão e o medo em um ambiente desconhecido, tornando-a mais segura, confiante, relaxada e calma (DA SILVA et al., 2016).

Esse apoio está relacionado com o vínculo formado entre a paciente e o acadêmico, que apesar de não ter laço familiar com ela, devido a experiência acumulada de outros atendimentos, é capaz de transmitir confiança. Dessa forma, mesmo sendo um desconhecido, além da presença física, oferece suporte emocional por meio de seu canto de experiência.

Um canto capaz de atravessar o tempo e o espaço e ressoar em outras experiências, em outros cantos. Algumas vezes esses cantos vão além do conhecido, do seguro, do garantido. Muitas vezes começam com ecos de outros cantos, com algo sobre o que se tem vontade de falar e de continuar falando (LARROSA, 2015).

As reuniões mensais do PROHUMA são repletas de histórias, de cantos de experiência, que os acadêmicos têm vontade de falar e continuar falando, pois, às vezes um relato já dito em encontro anterior, acaba por diversos motivos sendo

ditos em outras reuniões, em sala de aula, nos corredores da faculdade e assim vai.

As experiências dos estudantes participantes do PROHUMA foram todas positivas em relação a arte do encontro com a gestante e acompanhante. Porém, não foram raros os momentos em que eles se sentiram incomodados devido ao grande número de intervenções desnecessárias dos profissionais de saúde para as parturientes. O relato abaixo busca exemplificar o conjunto de ações intervencionistas presenciadas por alguns estudantes:

“Com a justificativa de que a paciente não colaborava e realizava a força incorreta, os profissionais responsáveis pela assistência ao parto fizeram uma episiotomia sem anestesia, além da manobra de Kristeller”.

*“Infelizmente a **violência obstétrica** ainda está presente nas nossas maternidades, causando muitas vezes os traumas que existem relacionados ao parto normal”. (Prohuma 7)*

Por meio desse relato é possível perceber que ainda existem profissionais de saúde que insistem em utilizar meios estratégicos para acelerar o processo natural do parto, violando os conceitos de humanização e assistência integral. Um estudo nacional de base hospitalar, que buscou descrever a utilização das boas práticas obstétricas revelou que em 37% dos partos a manobra de Kristeller é realizada e a episiotomia em mais da metade deles. Revelou ainda que no Brasil a litotomia é a posição predominante no momento do nascimento (LEAL et al., 2014).

Tais práticas reforçam a importância da atuação do PROHUMA nesse cenário, uma vez que o trabalho dos alunos junto às parturientes visa empoderar a mulher em relação ao parto e melhorar o protagonismo materno frente à essa questão e consequentemente reduzir as “necessidades” de intervenção.

O estudante participante de projeto de extensão, é um sujeito da experiência, um território de passagem, algo como uma superfície sensível, que produz afetos,

inscreve marcas, deixa vestígios, efeitos. Um sujeito que se define por sua passividade, receptividade e disponibilidade. Uma passividade feita de paciência, atenção e paixão. Vivenciar a experiência requer parar para pensar, olhar, escutar, sentir, observar os detalhes, cultivar a atenção e a delicadeza e a arte do encontro (LARROSA, 2015).

4.3 A IMPORTÂNCIA DAS AÇÕES EXTENSIONISTAS NA VIDA ACADÊMICA



Figura 10: Atividades extensionistas: apoio durante o trabalho de parto. Fonte: da própria pesquisa.

Para os acadêmicos participantes do PROHUMA a importância da participação nesse projeto, se dá não somente pela oportunidade de aperfeiçoar os conhecimentos científicos, mas principalmente, pela relação que eles estabelecem com os profissionais de saúde e com as famílias beneficiadas. É muito importante também, o retorno de suas ações para essas famílias.

O saber da experiência se dá na relação entre o conhecimento e a vida humana. É um saber particular, subjetivo, contingente, pessoal e singular (LARROSA, 2015).

Dessa forma, para os estudantes, participar do PROHUMA é também um exercício de cidadania, uma vez que suas práticas promovem o aprendizado de lições de vida, absorvidas por meio dessa relação com o outro, conforme retratam os fragmentos abaixo:

*“... foi uma experiência muito gratificante que contribuiu para nossa formação pessoal e acadêmica”
(Prohuma 4)*

“... percebi que as intervenções de enfermagem por meio dos métodos não farmacológicos para o alívio da dor são muito importantes. Fomos reconhecidas não somente pelo casal, mas também pela equipe médica” (Prohuma 5)

O PROHUMA é um espaço que promove aprendizagem por meio da interação entre alunos e equipe multiprofissional, entre eles e os professores e principalmente entre os estudantes e as pacientes. A inserção dos acadêmicos na comunidade hospitalar obstétrica, promove o relacionamento estudante/paciente/família onde ocorre benefício mútuo de troca de saberes. Esse espaço, também proporciona reflexão e conscientização para o exercício da cidadania.

Disseminar o conhecimento e capacitar os indivíduos para determinada profissão é a função primordial das instituições de ensino superior. Porém, as universidades também têm o papel de formar profissionais preparados para lidar com as diversas realidades do meio social, cultural e econômico em que estão inseridos, atuando de maneira ética, técnica e política, em prol da saúde coletiva (BISCARDE; PEREIRASANTOS; SILVA, 2014).



Figura 11: Atividades extensionistas: apoio durante o trabalho de parto. Fonte: da própria pesquisa.

Para a formação de profissionais com este perfil, as instituições de ensino superior precisam contemplar no projeto político pedagógico dos cursos o tripé ensino pesquisa extensão, a fim de articular os conhecimentos que serão construídos ao longo do curso (MOIMAZ et al., 2015).

É importante ressaltar que a metodologia ativa de ensino, como é o caso da extensão, é um instrumento que valoriza a autonomia do estudante, pois torna o aluno responsável pelo seu aprendizado. Os benefícios deste método vão desde a melhoria na habilidade profissional, como tomada de decisão e incentivo às pesquisas, até o desenvolvimento nas relações interpessoais, que incluem habilidade de comunicação e interação/colaboração com a equipe (FIGUEIREDO; MOURA; TANAJURA, 2016).



Figura 12: Atividades extensionistas: apoio durante o trabalho de parto. Fonte: da própria pesquisa.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das atividades desenvolvidas no PROHUMA, foi possível constatar a importância da extensão para a formação acadêmica ao inserir o aluno no espaço hospitalar por meio de práticas assistenciais e educativas. Trata-se de momento oportuno para que se apropriem das demandas e dos problemas de saúde pública relacionados com a saúde materno infantil, tendo como arcabouço teórico as melhores evidências científicas.

A extensão universitária favoreceu a articulação entre o conhecimento acadêmico e as situações reais e cotidianas. No PROHUMA os acadêmicos desfrutaram da oportunidade de associar o conhecimento teórico/prático com a vivência ampliada e aprofundada em Enfermagem Obstétrica.



A grande satisfação dos alunos em participar desse projeto está relacionada à repercussão positiva de suas ações. Além do aprendizado e do exercício da cidadania, os métodos não farmacológicos utilizados pelos estudantes, são altamente eficazes para a progressão do trabalho de parto e para a humanização do parto.

Dialogando com Larrosa (2015), pode-se afirmar que a promoção da integração entre o ensino, a pesquisa e a extensão é o canto de experiência que o PROHUMA busca cotidianamente. Um canto que as vezes ressoa como protesto, rebeldia ou luta. Luta pelo parto adequado, seguro e satisfatório para o casal e principalmente para a mulher.

Em alguns momentos, como nos casos onde ocorre a violência obstétrica, existe um canto de dor, de lamento, de expressão de uma queixa de uma vida subjugada, violentada, de uma possibilidade presa ou acorrentada. Nessas horas não se pode perder de vista os cantos de experiência de uma vida bonita, que começa todos os dias com ecos de outros cantos.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, J. M.; ACOSTA, L. G. PINHAL, M. G. Conhecimento das puérperas com relação aos métodos não farmacológicos de alívio da dor do parto. **REME - Rev. Min. Enferm.**, v. 19, n. 3, p. 711-717, jul./set. 2015.

APOLINÁRIO, D. et al. Práticas na atenção ao parto e nascimento sob a perspectiva das puérperas. **Rev. Rene**, v. 17, n. 1, p. 20-28, jan./fev. 2016.

BRASIL. **Lei nº 11.108, de 08 de abril de 2005.** Altera a Lei n. 8.080, de 19 de setembro de 1990, para garantir às parturientes o direito à presença de acompanhante durante o trabalho de parto, parto e pós-parto imediato, no âmbito do Sistema Único de Saúde - SUS. Diário Oficial da República, 2005.

BREVIDELLI, M. M.; DOMENICO, L. B. E. **Trabalho de Conclusão de Curso:** guia prático para docentes e alunos da área de saúde. São Paulo: Tatuapé, 2006.

BISCARDE, D. G. S.; PEREIRA-SANTOS, M.; SILVA, L. B. Formação em saúde, extensão universitária e Sistema Único de Saúde (SUS): conexões necessárias entre conhecimento e intervenção centradas na realidade e repercussões no processo formativo, **Interface**, Botucatu, v. 18, n. 48, p. 177-186, 2014.

CARVALHO, E. M. P.; GÖTTEMS, L. B. D.; PIRES, M. R. G. M. Adesão às boas práticas na atenção ao parto normal: construção e validação de instrumento. **Rev. Esc. Enferm. USP**, v. 49, n. 6, p. 890-898, 2015.

COSTA, E.C.; SANT'ANA, F. R. S.; BRITO, I. F. Percepção de mulheres relacionada aos métodos não farmacológicos para alívio da dor no trabalho de parto. **Rev. Recien**, São Paulo, v. 7, n. 19, p. 92-102, abr. 2017.

DA SILVA, T. C. et al. As boas práticas de atenção ao parto e nascimento sob a ótica de enfermeiros. **Biblioteca Las Casas**, v. 12, n.1, 2016.

FIGUEIREDO, W. P. S.; MOURA, N. P. R.; TANAJURA, D. M. Ações de pesquisa e extensão e atitudes científicas de estudantes da área da saúde. **Arq. Ciênc. Saúde**, v. 23, n. 1, p. 47-51, jan./mar. 2016.

FONSECA-MACHADO, M. O. et al. Educação em saúde e a prática do aleitamento materno: um relato de experiência. **Rev. Baiana de Saúde Pública**, v.38, n.2, p.466-476, abr./jun. 2014.

GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T.; Métodos de Pesquisa. Série **Educação a Distância**. Ed. 1, Rio Grande do Sul, UFRGS EDITORA, 2009.

HENRIQUE, et al. Hidroterapia e bola suíça no trabalho de parto: ensaio clínico randomizado. **Acta Paul Enferm.**, v. 29, n. 6, p. 686-92, 2016.

LARROSA, J. **Tremores: escritos sobre experiência**. Trad. ANTUNE, C.; GERALDI, J. W. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015. (Coleção Educação: Experiência e sentido).

LEAL, M. C. et al. Intervenções obstétricas durante o trabalho de parto e parto em mulheres brasileiras de risco habitual. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 30, Sup. S17-S47, 2014.

LEMO, I. C. et al. Produção científica nacional sobre práticas interativas não farmacológicas no trabalho de parto: uma revisão integrativa da literatura. **Enfermagem Obstétrica**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 25-30, jan./abr. 2014.

MEDEIROS, J. et al. Métodos não farmacológicos no alívio da dor de parto: percepção de puérperas. **Revista espaço para a saúde**, Londrina, v. 16, n. 2, p. 374-384, abr./jun. 2015.

MOIMAZ, S. A. D. Extensão universitária na ótica de acadêmicos: o agente fomentador das Diretrizes Curriculares Nacionais. **Rev. ABENO**, v. 15, n. 4, p. 45-54, 2015.

NASCIMENTO, I. R.T. A indissociabilidade entre pesquisa e extensão nas universidades: o caso da ITES/UFBA. **Rev. NAU Soc.**, v. 3 n. 5, p. 41-6, 2012.

NETTINA, S. M. Prática de enfermagem. 9.ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, v. 3, 2014.

OLIVEIRA E SILVA, D. A. O. Uso de métodos não farmacológicos para o alívio da dor durante o trabalho de parto normal: revisão integrativa. **Rev. Enferm. UFPE online**, Recife, v. 7, p. 4161-70, maio 2013.

OLIVEIRA, L. M. N.; CRUZ, A. G. C. A Utilização da Bola Suíça na Promoção do Parto Humanizado. **R. bras. ci. Saúde**, v. 18, n. 2, p. 175-180, 2014.

OSÓRIO, S. M. B.; SILVA JÚNIOR, L. G.; NICOLAU, A. I. O. Avaliação da efetividade de métodos não farmacológicos no alívio da dor do parto. **Rev. Rene**, v. 15, n. 1, p. 174-84, jan./fev. 2014.

PEDROSO, C. et al. Métodos não farmacológicos para alívio da dor no trabalho de parto: relato de experiência. In: Salão de Ensino e de Extensão, IV, 2013. Santa Cruz do Sul. **Anais...** Santa Cruz do Sul: UNISC, p. 58, 2013.

SANTOS, K. T. A.; LIMA, L. R. R.; MENEZES, M. O. Dez anos da Lei nº 11.108/2005: desafios e perspectivas. **Ciências Biológicas e de Saúde Unit**, Aracaju, v. 4, n. 1, p. 25-42, mar. 2017.

SANTOS, L. M. et al. Percepção da equipe de saúde sobre a presença do acompanhante no processo parturitivo. **Rev. Rene**, v. 13, n. 5, p. 994-1003, 2012.



SILVA, R. M. et al. Evidências qualitativas sobre o acompanhamento por doulas no trabalho de parto e no parto. **Ciências & Saúde Coletiva**, v. 17, n. 10, p. 2738-2794, 2012.

UFRJ. Maternidade-Escola da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rotinas Assistenciais. **Métodos não farmacológicos de alívio da dor no trabalho de parto**. Rio de Janeiro, p. 1-3, 2014.

VELHO, M. B. et al. Vivência do parto normal ou cesáreo: revisão integrativa sobre a percepção de mulheres. **Texto Contexto Enferm.**, Florianópolis, v. 21, n. 2, abr./jun. 2012.